

**Qual idéia a Igreja faz de si mesma?
A Autocompreensão segundo Pierre Delooz.**

Elza S. Cardoso Soffiatti
elza-cardoso@hotmail.com

RESUMO: Qual idéia faz a igreja de si mesmo, sendo uma instituição que possui dogmas, ou verdade inquestionáveis que estão sugeridas à verificação? Como compreende-la se os modelos existentes não respondiam mais à ansiedade do homem do tempo presente. O presente ensaio busca apresentar uma sucinta análise do posicionamento do sociólogo Pierre Delooz acerca da Autocompreensão da Igreja. Como este sociólogo compreendeu e analisou o processo de fazer histórico a respeito da Igreja e da mudança que o tempo causou nesse labor e que promoveu a aproximação com as outras ciências humanas, a utilização de métodos científicos para o desenvolvimento do conhecimento histórico, o que fez desencadear o questionamento do que antes era considerado “imutável”.

ABSTRACT: Which idea makes the church of itself exactly, being an institution that possesses dogmas, or truth unquestioned that is suggested to the verification? As it understands it if the models existing did not answer more anxiety of the man of the present time. The present essay searches to present one shortly analyzes of the positioning of sociologist Pierre Delooz concerning the Self-understanding of the Church. As this sociologist understood and analyzed the process of making description regarding the Church and of the change that the time caused in this work and that it promoted the approach with other sciences human beings, the use of scientific methods for the development of the historical knowledge, what it made to unchain the questioning of what before was considered “invariant”.

PLAVRA CHAVE: Igreja Católica, Autocompreensão, historiografia.

KEY WORDS: Catholic Church, Self-understanding of the Church, historiography

O sociólogo Pierre Delooz oferece em seu artigo "Autocompreensão atual da Igreja" escrito em 1971 para a Revista Concillium Internacional, uma versão inovadora para os moldes daquelas idéias românticas que constantemente cercam as interpretações históricas, principalmente no que tange a história da Igreja. Nas interpretações

anteriores da história da Igreja vigoravam um fazer histórico que baseado nos moldes do catolicismo do Século XIX.

Ao longo do século XIX, consolidou-se um tipo de catolicismo que os historiadores denominam de Autocompreensão Ultramontana da Igreja. Um conjunto de posicionamentos e atitudes caracterizam essa autocompreensão: rejeição à ciência, filosofia e arte moderna; condenação do capitalismo e da ordem burguesa; condenação do princípios liberais-democráticos e anátema às doutrinas de esquerda. [...] é verdade que ao final desse período de predomínio, o posicionamento católico era muito mais “antimoderno”, no que referia à moral e bons costumes, e anti-socialista do que anticientífico e anticapitalista propriamente dito (MANOEL, 1992, p. 229).

Ao se pensar em História da Igreja havia ainda um modelo arraigado nos moldes do fazer histórico do século XIX, mesmo sendo esse um modelo historiográfico deveras ultrapassado da história secular (ou profana como alguns historiadores da igreja a denominam) que possui indícios de uma história historicizada e, de alguma forma certa tendência ao “positivismo”, se assim nos é permite afirmar. Outros pensadores da Igreja se posicionaram em relação ao historicismo e ao positivismo e antes de entrar propriamente no debate de Pierre Delooz vamos conhecer de forma breve seus posicionamento

A história ciência ou profana, como a denominava Anton Weiler e a história eclesiástica devem reconhecer, em última instância, serem "ciência interpretativa" na qual o historiador deve colocar o conjunto analítico de suas fontes em uma conjuntura interpretativa, que por sua vez é fruto de seu entendimento da história, de sua visão de mundo, sua criatividade, não tendo receio de se expor como construtor do conhecimento histórico.

John Cobb, afirmou que ser o positivismo e o historicismo elementos que foram norteadores para a construção do conhecimento histórico. Para ele ambos se deviam a tomada de consciência, a partir da qual a história deveria ser compreendida e da qual era mola propulsora. A tomada de consciência científica e histórica procurava absorver e subordinar uma à outra. Quando a consciência histórica tentava absorver a científica, se caracterizava o historicismo. E Quando a consciência científica tentava absorver a consciência histórica se caracterizava o programa do positivismo na história.

Alberigo ao enunciar o positivismo como forma de pesquisa histórica, afirmou que este método de pesquisa é insuficiente para se conhecer e, principalmente

compreender a "complexa estrutura teândrica¹ da Igreja" (ALBERIGO, 1970: 877) e ampliou seu pensamento afirmando que o método positivista de pesquisa é inadequado a complexidade dos objetos (os relacionados às ciências humanas e sociais) que se propõe pesquisar. Elucidou ainda a necessidade de superar e libertar-se da forma reduzida da compreensão metodológico-positivista.

John Cobb elucidou que o positivismo e o programa historicista de absorver a história se caracterizavam como fenômeno histórico e deveriam ser entendidos historicamente, ou seja, compreendidos como resultantes de fatores geradores e que possuem fatores conseqüentes. Ambos ofereciam desconstruções dentro de suas radicalidades interpretativas e de suas seleções de fontes, inclusive no tocante à Igreja.

Utilizei o positivismo para referir-me ao plano gerado pela consciência científica com o fim de tornar-se o horizonte global do conhecimento e de identificar a realidade como aquilo que ela conhece. Utilizei o historicismo referindo-me ao plano paralelo da tomada de consciência histórica. Os dois planos estão em violenta oposição. Contudo, muito têm eles em comum. Ambos pressupõem e expressam as conseqüências do desaparecimento da transcendência ou da morte de Deus. Quer isto dizer que ambos vacilam entre o dogmatismo e o niqulismo, entre a absolutização de sua apreensão da realidade e o aniquilamento de sua própria verdade e realidade, pela aplicação de seus métodos também em relação a eles próprios. Tudo considerado, é o niqulismo que sai vitorioso. É sustentado pelos resultados que seguem quando um dos dois sistemas aplica seu método ao outro (COBB JR, 1970, p. 843).

Cobb, afirmou que no momento em que escrevia, mais precisamente na década de 70 do século XX, a juventude estava revoltosa contra o positivismo e o historicismo, pois rejeitavam tanto a forma científica como a histórica como fontes de conscientização e ao procurar por outro fundamento, ou fonte de consciência, se deparam com o existencialismo de Heidegger e Sartre. No entanto, mesmo esse fundamento (o existencialismo) já perdeu seu poder. Com isso a tomada de consciência histórica sobrevive alicerçada na utopia, que sente o passado como um fardo e o presente como intolerável, ficando os "louros" para aqueles que, em nosso tempo, prometem o melhor futuro.

Retomando nossa discussão, apontamos que justamente por buscar algo que não se tem mais ou por pautar-se na busca da compreensão do passado como se essa compreensão fosse de alguma forma promover a melhora da condição existente, pois

¹ Segundo o dicionário da língua portuguesa Novo Aurélio, "1. *Adj.* Divino-humano 2. *Rel.* Diz-se das ações de Jesus Cristo, em que a divindade transparecia através da humanidade." (1999 p. 1953).

poderia promover a ordem e à partir da ordem o progresso, o movimento de buscar no passado os alicerces fundamentais para a delimitação da estrutura e organização da Instituição Igreja Católica, consideramos aspecto ultramontano e romântico.

Como ultramontano compreende-se segundo nos apresenta Ivan A. Manoel, as ações políticas da Igreja que vigoraram do início do século XIX até meados de década de 1960 e que marcaram inclusive sua visão de mundo e de si mesma, impressões e ações desfeitas com o Concílio Vaticano II.

Entende-se por ultramontanismo a política católica entre 1800 e 1960, assentada nos seguintes fundamentos: e pela “1) condenação do mundo moderno; 2) centralização política e doutrinária na Cúria Romana e 3) adoção da medievalidade como paradigma sócio-político” (MANOEL, 2004: 9).

Nesse ponto até está presente um termo de uso ‘delicado’ dentro do fazer histórico, o positivismo, mas aqui se faz necessário esclarecer que sua utilização é na medida em que nos faz remeter ao ponto que nos possibilita usufruir do termo positivismo para elucidar o desejo da ordem para o progresso, ansiava-se pelo que já se foi e deixou saudades, por outra época passada vivida. Traduziremos esse movimento de busca da ordem como gerado do progresso, ambos com fundamento romântico medievalista que poderia ser traduzido como a ânsia de procurar compreender a história para, por meio dela, conhecer melhor as experiências e os erros do passado, na busca de garantir o “sucesso” do futuro².

No papel de sociólogo, Delloz contribuiu para o desenvolvimento de um posicionamento crítico ao fazer histórico da História da Igreja que fosse marcado por esse determinismo promotor de um futuro melhor segundo os valores do catolicismo. O tema central da discussão de seu artigo é a Teoria da Autocompreensão da Igreja, mas esta vista pelos olhos de um sociólogo.

É esclarecedor apontar que, aqui onde discutirmos o fazer histórico, devemos voltar pouco da nossa luz ao fazer histórico dos historiadores da Igreja que são anteriores as reflexões propostas à partir das décadas de 1960 e 1970, principalmente esta última no caso do fazer histórica da Igreja (DELOOZ, 1971: 898).

O fazer histórico, bem como a verificação documental vai se adequar ao novo modelo analítico e de elaboração que advêm e vigora nas outras ciências sociais, essas análises e elaborações vão levar em consideração não somente a documentação e suas

² Como disse Augusto Comte, saber para prever, prever para prover.

informações, mas também quem a analisa, de onde analisa, o que busca e por que busca. Esses elementos são determinantes no processo de construção da compreensão histórica, inclusive da história da Igreja que hoje utiliza os métodos de construção da história secular.

Delloz no início do artigo elucidou a importância de se conferir rigor científico à elaboração da análise da autocompreensão, bem como se ater aos aspectos mais visíveis da análise. Procurou compreender a Igreja dentro da objetividade e relatividade da ciência sociológica, mas expôs a necessidade de levar-se em consideração que ela, a Igreja, apresenta-se compreendida de diferentes formas por diferentes pessoas ou profissionais.

Dentro desse amplo quadro de possíveis compreensões acerca da História da Igreja que poderia ser feita por diferentes áreas e profissionais, Delloz problematizou a compreensão da própria sociologia ao chamar a atenção e ressaltar o fato de que se deve levar em consideração que "resta saber se a sociologia³ atual pode oferecer um quadro de percepção adequado, no qual poderia definir-se e explicar-se suficientemente o fenômeno de autocompreensão de uma entidade tão complexa como a Igreja" (DELOZZ, 1971: 898). Ressaltou ainda que a História da Igreja passou a seguir no caminho da História secular, com a aproximação das demais ciências, inclusive com a adoção dos métodos de pesquisa utilizados por essas ciências.

Para Monnich, as ciências sociais contribuem para a História da Igreja, conferindo maior veracidade e credibilidade ao conhecimento construído, além de ampliar os objetos históricos disponíveis ao estudo e pesquisa.

A Igreja de que trata a História eclesiástica é também sempre a Igreja dos homens vinculados aos quadros políticos, sociais, econômicos, culturais e psicológicos; assim se comprova que as ciências do homem são indispensáveis para a História da Igreja: fornecem os instrumentos necessários para a pesquisa; fornecem ainda as perguntas de realce que o historiólogo deve dirigir a sua matéria; fornecem a crítica a qualquer historiografia e também aos perigos de ideologizar ou mitologizar que ameaçam a historiografia eclesiástica. (MONNICH, 1970, p. 848)

O artigo de Pierre Deloos está dividido em seis partes, e no presente ensaio compreensivo acerca da Autocompreensão da Igreja à partir Deloos, vamos à apresentação e uma breve análise de cada uma, na ordem apresentada pelo autor na obra.

³ Esse assunto vai ser mais explorado em um próximo texto, neste vamos nos ater ao posicionamento do sociológico Deloos, sobre a autocompreensão.

A primeira parte é "Da ideologia aos valores" (DELOOZ, 1971: 898), na qual afirmou que mais fácil que apontar ou assinalar os sintomas da crise e dos desmembramentos que assolaram a Igreja, seria elucidar os pontos positivos "sob cuja influência se produzem esses desmembramentos. Desfaz-se uma imagem da Igreja sem que ainda possa se definir claramente os traços de uma imagem nova" (DELOOZ, 1971: 899).

Há um fluxo de informações que percorre por entre as Igrejas hoje, mas esse fluxo não aproxima a realidade da teoria e cria com isso, segundo Delooz "dois mundos" compreensivos: os das experiências vividas, que podem ser as realidades em cada comunidade eclesial, em cada paróquia; e os das teorias, que nesse caso são as teológicas. Essa percepção de que há também na Igreja um domínio ideológico, "o domínio das sistematizações doutrinárias, o domínio das teologias, que parece cada vez mais insatisfatório porque incapaz de dar conta da mudança realmente vivida pela Igreja" (DELOOZ, 1971: 899).

O autor propõe então que a Igreja seja compreendida à partir de dois planos: Um plano ideológico, que se assinala no plano dos sistemas doutrinários (geralmente teológicos) de justificação dos valores, que estaria bastante afastado, talvez cada vez mais afastado desse primeiro plano, estaria o segundo plano, que é o da experiência vivida dos valores, isto é, daquilo que os cristãos experimentam ou pressentem como importante para sua vida. Em outras palavras, as teologias revelar-se-iam pouco aptas para assumir a experiência atual dos valores e, em vista disso, apareceriam doravante como ideologias (superadas) entre outras ideologias.

Os valores vividos pela Igreja de forma geral são, segundo Delooz, diferentes das teorias teológicas que buscam compreender e explicar esses valores e, conseqüentemente essas explicações não conseguem atingir a complexidade do vivido real. E mais, seguindo a análise sociológica de Delooz acerca da Autocompreensão da Igreja, devemos levar em consideração que, a Autocompreensão da Igreja possui sua essência nos valores vividos e não nas teorias teológicas.

Na segunda parte do texto, "Da segurança à pesquisa" (DELOOZ, 1971: 900) a discussão centra-se no afluxo de informação que atinge a Igreja de todas as partes, tanto interna, como externamente, o que promove uma concorrência de informações vindas de dentro e de fora da instituição. Essa concorrência de informações interfere na

idéia/compreensão que a Igreja tem de si mesma, pois são duas fontes adversas de informações/compreensões que interferem e influenciam o ato da compreensão, no caso a autocompreensão.

O afluxo de informações promove o desenvolvimento do desconhecido ao substituir certezas conhecidas por conhecimento desenvolvido por meio de pesquisas. A busca do conhecimento muda com o tempo, sofre com o aceleração das informações e das relativizações e atinge a Igreja que, progressivamente relativiza compreensão acerca de si mesma.

O aumento da informação é também crescimento do desconhecido diante do qual uma segurança tradicional quase inconfundível cede lugar cada vez mais a uma atitude de pesquisa. É aqui que apreço o valor concedido mais que nunca à consciência como presença no mundo, como esforço para situar-se em verdade num mundo cuja consistência e significação se procura perscrutar. Neste contexto, é compreensível que se afirmem valores de base como sinceridade, autenticidade, compreendidos não como uma complacente satisfação ao conforto subjetivo, mas como uma aspiração à objetividade, se possível, científica. Esse impulso da autenticidade, do desejo pelo menos de autenticidade, é visível por toda a parte na Igreja e, na verdade, está em condições de transformar inteiramente o que até há pouco parecia, senão imutável, ao menos quase definitivamente assegurado. Nada escapa, nem a liturgia, nem a exegese bíblica, nem a reflexão teológica, nem o ensino do catecismo, nem a moral, nem a doutrina política e social, nem o ecumenismo, nem as relações com os não-crentes, nem a vida monacal e religiosa, nem o direito canônico... (DELOOZ: 900)

Com esse novo modo de conhecer, que advém da pesquisa, da procura pelo desconhecido, buscando torná-lo conhecido pelo método científico ocorre que "por toda parte na Igreja, brota a vontade de ser verdadeiro, de identificar o essencial sob a proliferação do acessório, corretam mudanças ou transtornos, pois o considerado imutável passou a ser questionado "aberto" (DELOOZ, 1971:900).

No entanto devemos considerar que para além do imutável, os valores predominantes e que fazem parte do campo de doutrinário e dogmático da Igreja. A partir dessa visão do imutável X mutável (agora sujeito a pesquisa, aos questionamentos) devemos levar em consideração que para a compreensão da Igreja é necessário analisar, no mínimo dois aspectos da Igreja: o aspecto temporal, secular e ao mesmo tempo em que elevar em consideração que a Igreja possui um aspecto atemporal e eterno. Ambos os aspectos apontados atuam sobre os membros que fazem parte da Igreja Católica e acabam sendo, individualmente ou em grupo, personagens históricos e construtores da história da Igreja, que por sua vez só se construir à partir das ações desses homens que a rerepresentam e que, como todos os outros são frutos de seu tempo. Como então promover a compreensão do temporal, secular e do eterno, atemporal por meio de estratégias "mundacionais" e "transicionais" em diferentes tempos?

Há diferentes paradigmas interpretativos, como houve diferentes modos de agir, cada um levado pela necessidade e interesse vigente no momento presente (passado), tanto da ação quanto da interpretação. Por isso podemos dizer que, como exemplo da história da Igreja que o século XIX foi um século no qual prevaleceu a intransigência ao mundo moderno e liberal e no século XX houve certa abertura a partir do pontificado do papa Pio XI, até culminar no Concílio Vaticano II.

Podemos citar como abertura a aceitação da democracia por parte da Igreja Católica em 1944. Pio XII, a Radiomensagem de Natal de 1944 afirma ser a democracia o mais justo sistema de governo para a sociedade civil. A abertura democrática levada a cabo por Pio XII em 1944 teve uma longa trajetória iniciada por Pio XI, que em seu pontificado exerceu novo paradigma político dentro do Vaticano, rompendo sobre maneira com a intransigência em relação ao mundo moderno, deixando as tendências ultramontanas ainda existentes para trás.

A liberdade de consciência é o exemplo dado por Delooz para elucidar a mudança de referencial da Igreja acerca de algum posicionamento. Na encíclica *Mirari vos* (1832) Gregório XVI, colocou-a como "um delírio brotado do pútrido indiferentismo", o que não deixa de ser verdade naquela época, em que a liberdade de consciência e o liberalismo eram obstáculos à Igreja, por promover o questionamento e posicionamento contra à instituição. Já um século depois, no Concílio Vaticano II (1962-1965) proclamou-se sua legitimidade.

Sem dúvida, trata-se de consciência moral neste contexto, mas esta liberdade reconhecida da consciência moral só é compreensível dentro de um reconhecimento mais geral do valor da consciência como tentativa de ser presença no mundo, de ser este mundo presente a si próprio. Nesta perspectiva nova, as relações entre ciência e fé mudaram profundamente. Progressivamente se adota a autenticidade científica como atitude cujo valor não é mais contestado pela Igreja, que não imporá mais senão os limites que os próprios cientistas impõem (ou deveriam impor), especialmente os limites que não ultrapassar o alcance relativo de suas afirmações. Porém, este valor é reconhecido a ponto de um bispo ter podido dizer no último Concílio que se uma oposição aparecesse entre ciência e fé, seria necessário, para resolver, confiar na pesquisa científica livremente conduzida (DELOOZ, 1971: 901).

Ao aceitar os valores e veredictos da ciência, nos movimentos humanos no tempo (na história) segundo Delooz, a Igreja não está se autodestruindo, mas ao contrário, está assegurando condições indispensáveis para sua sobrevivência e contribuindo de forma responsável para o mundo. Aceitar o novo, os novos valores,

ciências e as contribuições destas para a vida dos homens com certeza modificaram e vão modificar ainda mais a imagem que a Igreja faz de si mesma e a imagem que os cristãos (católicos e não católicos) possuem e repercutem da Igreja. A imagem que os cristãos têm do mundo passou e passa por transformações e estes já reconhecem que a Igreja sofre influências do meio externo.

Muitos traços aparentemente inquietantes, no comportamento dos cristãos devem ser interpretados à luz deste valor crescente de consciência, desta preocupação de autenticidade, desta vontade de presença lúcida no mundo real (DELOOZ, 1971:901)

A mudança do comportamento do cristão ao longo último século está atrelada à mudança de posicionamento em relação à liberdade de consciência e deve ser compreendida a partir desta aceitação. Como vimos à própria Igreja legitimou a liberdade de consciência da sua importância.

Para John B. Cobb Jr., a experiência humana de tomada de consciência é feita no tempo (temporal/histórica) e de forma particular e como o historiador se relaciona com o material que surge daí. O item central é como se compreende cada termo ou objeto estudado, selecionado pelo historiador. O objeto por sua vez possui duas características consideráveis: a primeira é que ele "é o que é para quem o percebe, e nada mais"(COBB JR., 1970, p. 840); e a segunda é que o objeto do estudo do historiador contém em si certa subjetividade própria, atribuída a ele (objeto) pelo próprio historiador ao selecioná-lo.

Eles [objeto e historiador] encarnam propósitos, sentidos, valores, pensamentos, sentimento e visão. O que ocorre interessa ao historiador como algo que, de qualquer modo, surge da vida subjetiva do homem ou para ele contribui (COBB JR., 1970, p. 841).

Na terceira parte do "Da observância à criatividade", o autor volta a discussão para a necessidade que a Igreja sentiu de inovar suas bases, afirmando que os modelos existentes não permitiam mais controlar os valores incontroláveis de consciência e de liberdade que passaram a fazer parte do mundo e da própria instituição e afirmou que "aceitando mais o olhar dos outros e a verificação pelos resultados reais, a Igreja parece menos fixa, menos imóvel, mais viva, mais em devir que nunca talvez" (DELOOZ, 1971:902).

Surgiram inovações a partir das determinações do Concílio Vaticano II (1962 a 1965) e aconteceram nas celebrações dos ritos sacramentais, nos diálogos com cristão

católicos, não católicos e também não cristãos, engajamentos sociais e decisões políticas diversas e até conflituosas, mas que configuraram "uma expressão mais dinâmica da liberdade criadora" (DELOOZ, 1971: 902).

Para Delooz, liberdade maior na expressão oral e escrita, liberdade maior na iniciativa comportando uma aceitação implícita do direito ao fracasso, liberdade maior de afirmação e de contradição em clima de respeito das relações interpessoais, estes são sinais pouco duvidoso de criatividade. Não só no sofrimento, mas também na esperança, a Igreja reconhece a contradição, conflito, o fracasso como condições de seu crescimento (DELOOZ, 1917: 902).

"Da pertença à responsabilidade" é a tema discutido na quarta parte do artigo. Tendo sido a criatividade como caráter de liberdade aceita pela Igreja, a consequência que se segue, é o surgimento de novo estilo de relações interpessoais, marcado pela aceitação maior entre as pessoas, principalmente em relação ao diferente. No caso da Igreja, uma tolerância maior em relação ao possuidor de opinião diversa/diferente.

É porque vem a luz um novo estilo de relações interpessoais, o que é feito menos de fidelidade à instituição que de fidelidade às pessoas concretas. A pertença jurídica (ou sentimental) à Igreja-instituição que, bem entendido, podia (e pode) ser válida, cede lugar a novas exigências de verdade em matéria de comunidade, onde as pessoas tendem a se aceitar umas às outras em profundidade, com suas diferenças. Hoje, porém em sua autocompreensão a Igreja se quer comunidade autêntica, isto é, unidade de pessoas iguais, solidárias, interdependentes, responsáveis não apenas umas pelas outras, mas responsáveis por toda a humanidade. Bem entendido, trata-se aqui de um ideal, cujas realidades nem sempre confirmam o caráter operacional (DELOOZ, 1971: 903).

A Igreja responsável pela sociedade que faz parte, como agente de co-responsabilidade, segundo Delooz, busca "tanto o reagrupamento dos cristãos em pequenas células de base, como o reagrupamento dos Bispos em Conferências Episcopais regionais participam da mesma vontade de verdade na solidariedade, de autenticidade ma igualdade, de respeito às diferenças na unidade (DELOOZ, 1971: 903).

Ao finalizar essa parte o autor afirmou que o respeito às diferenças fez com que a Igreja deixasse de sacrificar pessoas vivas em prol dos princípios e convicções abstratos, por mais santificados que fossem.

Na quinta parte do artigo "Da Integração social a contestação social" a Igreja percebeu, como afirmou Delooz, a "função tradicional que exercia na sociedade, função de integração social, de consagração da ordem estabelecida" (1971: 904) e em alguns

casos até de adormecimento das exigências populares. Ao constatar-se certa maneira causadora do adormecimento popular, alguns fileiras da Igreja incutiram o ‘ressentimento’ consigo Igreja, o que possibilitou a alguns nutrir o desejo de tomar partido pelos humilhados e ofendidos, dos excluídos, propondo um novo caminho que a Igreja poderia optar pelo pobre, promover conseqüentemente uma contestação social.

Descobrimo-se como Povo de Deus, a Igreja desejaria ser não apenas aberta a todos, mas solidaria com o protesto dos pobres, mesmo que essa opção a favor deles lhe retire os favores do poder. No seio da sociedade aparece mais claramente a contradição de grupos humanos cada vez mais numerosos em que os homens se sentem cada vez mais sozinhos (1971: 904).

Delooz aponta para a necessidade de crítica à sociedade capitalista vigente e aos valores que corrompem e se sobrepõe ao homem e da falta eficiente e adequada da comunicação entre os homens que mesmo tendo desenvolvido meios tecnológicos efetivos de comunicação, não conseguem se entenderem como deveriam,

contradição de categorias sociais onde as pessoas são cada vez mais ricas, mas onde cada vez mais são possuídas pelo que possuem, contradição de um multiplicar gigantesco de informação sem a melhoria correspondente da comunicação entre os homens (1971: 904).

Para final o artigo Delooz discute a passagem “Da Religião a Fé”, na qual o autor elucida a importância e necessidade do comprometimento do cristão em ter consciência para reconhecer sua vocação como homem e como cristão, separando essas duas esferas da vocação humana. Segundo aponta Delooz, a Igreja se sabe não possuidora das soluções para o problema da humanidade, mas reconhece que parte de seus valores são capazes de fazer do homem cristão mais humano e ao humanizar um homem pode fazer com muito outros. Da religião a fé se passa quando a vocação cristã se sobrepõe a vocação do homem, conferindo ao homem, além da responsabilidade social atribuída no item anterior, maior responsabilidade individual.

Para a Igreja o que está em jogo não é a religião, mas a fé no amor de Deus, naquele amor de Deus, naquele amor que se expressou historicamente em Jesus Cristo. Atualmente, basta abrir os olhos para ver ao mesmo tempo na Igreja o recuo da religião (chamado frequentemente secularização), o esforço mais dinâmico que nunca de aprofundamento (bíblico, litúrgico) da fé, e a tomada a sério da vocação de homem (distinta, mas não separada da vocação cristã) (DELOOZ, 1971: 904).

A preocupação que, segundo Delooz move a Igreja em relação a vocação do homem, move a história em seu fazer-se e, compreender-se ao fazer-se. Com o fazer da história da Igreja não foi diferente, pois a partir da década de 1970, com atenção especial para a publicação dos dois volumes da Revista Internacional de Teologia de

números 57 (1970) e 67 (1974), que se dedicaram exclusivamente aos métodos de fazer história da História da Igreja, promoveu-se o questionamento do fazer tradicional e a proposta de um novo caminho, o da Autocompreensão.

Procuramos mostrar neste breve ensaio o posicionamento do sociólogo Pieter Delooy em relação a Autocompreensão, mas o tema e principalmente sua compreensão não se encerram aqui.

BIBLIOGRAFIA

ALBERIGO, Giuseppe. Novas fronteiras da história da Igreja? IN: *Revista Internacional de Teologia*. Nº 57. Petrópolis: Vozes 1970/7, p.870 - 885.

COBB JUNIOR, John B. Rumo a uma mudança da posição da historicismo e do positivismo. IN: *Revista Internacional de Teologia*. Nº 57. Petrópolis: Vozes 1970/7, p. 840 - 847.

CONCILIUM, *Revista Internacional de Teologia*. Nº 57. Petrópolis: Vozes 1970/7.

CONCILIUM, *Revista Internacional de Teologia*. Nº 67. Petrópolis: Vozes 1971/7.

MANOEL, I. A. *O Pêndulo da História: Tempo e Eternidade no Pensamento Católico (1800 – 1960)*. Maringá : Eduem, 2004.

_____. Donoso-Cortês e a antidemocracia católica no século XIX. *Revista História*. São Paulo, v. 11, p. 229-241, 1992.

MARRAMAIO, G. *Céu e Terra*. São Paulo: Ed. Unesp. 1997.

_____. *Poder e Secularização. As categorias do Tempo*. São Paulo: Ed. Unesp. 1997.

MONNICH, Conrad. A História da Igreja, no conjunto das ciências do homem. IN: *Revista Internacional de Teologia*. Nº 57. Petrópolis: Vozes 1970/7, p. 848 - 857.

WEILER, Anton. História da Igreja e Nova orientação da historiologia. IN: *Revista Internacional de Teologia*. Nº 57. Petrópolis: Vozes 1970/7, p. 823 - 839.